
III Congresso Nordestino de Ciências da Religião e Teologia
Recife, 8 a 10 de setembro 2016
"Devoções religiosas e pluralismo cultural"
Anais

AS PROCISSÕES NAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS BRASILEIRAS: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS*

Cícero Williams da Silva**
Percy Marques Batista***

Resumo

O trabalho apresenta alguns elementos para reflexão e discussão em torno de aspectos da religiosidade popular, colocando como tema central as procissões, vistas a partir de duas manifestações culturais: a literatura e a música popular brasileira. O ponto de partida será a análise de algumas obras dos dois campos, observando-se como o tema é nelas abordado, e no imaginário popular. Objetivamos compreender alguns aspectos da fé cristã vivenciados em vários lugares, Brasil a fora. Dessa forma, apresentamos liames existentes entre as manifestações artísticas e as devoções, priorizando-se as procissões.

Palavras-chave: Devoções. Catolicismo popular. Manifestações culturais.

Introdução

O ato de sair em procissão[1] é corriqueiro na história da humanidade e esteve, ao longo dos séculos, ligado ao hábito de se comemorar alegrias ou solenizar tristezas, não sendo, necessariamente, uma manifestação religiosa, mas expressões habituais em variadas festas comuns. Dessa forma, nos tempos passados, encontramos os diversos cortejos de reis e generais vencedores de batalhas, em júbilo e aclamação popular, bem como os que estampavam a dor nos rostos, levando seus ilustres mortos ao local do sepultamento. Quanto mais rico e poderoso fosse o indivíduo, maior o préstito fúnebre. Entretanto, na Antiguidade, também há frequentes casos de procissões como forma de expressão da religiosidade de um povo, como as que ocorriam na Grécia por ocasião da homenagem a Afrodite, ou a Zeus.

---

* Trabalho apresentado no III Congresso Nordestino de Ciências da Religião, realizado entre os dias 08 e 10 de setembro de 2016 na UNICAP, PE.
** Mestrando em Ciências da Religião/UNICAP. Bolsista PROSUP-CAPES.
*** Mestrando em Ciências da Religião. Advogado e Assistente Cultural da UNICAP.
[1] Do latim *processio*: "ação de avançar, de ir para adiante".

Mais tarde, na Idade Média e Moderna, elas continuaram existindo, sob a influência do cristianismo na Europa, e alcançaram nossos dias.

De acordo com a tradição judaico-cristã, tal ajuntamento de pessoas saindo em peregrinação remonta ao período veterotestamentário cujas histórias, tanto na *Tanakh*[2] quanto na Bíblia, são verificáveis em trechos como o da travessia do rio Jordão pelo povo hebreu, guiado por Josué (*Yaosh*[3]), tendo à frente a Arca da Aliança, símbolo maior da presença de sua divindade; o da destruição da cidade de Jericó e os sete dias de "procissões" em volta dela; os dos relatos dos Salmos (*Tehillím*[4]), que descrevem a forma devota com que os hebreus iam ao seu local de culto, especialmente no de número 42, verso 4: "Lembro-me destas coisas – e dentro de mim se me derrama a alma – de como passava eu com a multidão de povo e os guiava em procissão à Casa de Deus, entre gritos de alegria e louvor, multidão em festa"; o do episódio em que Davi (*Dáoud*[5]) conduz a Arca da Aliança, em séquito, do território filisteu até Jerusalém, com dança e cânticos. E, ainda, as ocorrências bíblicas das procissões na Páscoa, Pentecostes, Festa dos Tabernáculos, entre outras. Até que, finalmente, nos escritos neotestamentários, encontramos o messias cristão entrando na cidade de Jerusalém, sentado em um jumentinho, sendo aclamado pelo povo que o seguia em "procissão", dizendo: "Hosana ao filho de Davi!".

[2] *Tanakh* (ou *Tanach*) é um termo da língua hebraica, formado a partir das iniciais das palavras *Toráh*, *Nevi'im* e *Kethuvim* (Lei, Profetas e Escritos). São as três partes que compõem as Escrituras Hebraicas.

[3] Nome, em hebraico transliterado, do personagem Josué, de acordo com a Escritura Sagrada Segundo o Nome - Edição Unitariana Corrigida –, na tentativa de aproximação da fonética original dos nomes de personagens encontrados nos textos judaicos.

[4] Tehillím é o livro de hinos e de orações das escrituras judaicas. Os tehillím foram escritos por diversos autores, durante um período de mais ou menos setecentos anos, e usados pelos hebreus em suas reuniões religiosas.

[5] Nome, em hebraico transliterado, do personagem rei Davi, de acordo com a Escritura Sagrada Segundo o Nome - Edição Unitariana Corrigida –, na tentativa de aproximação da fonética original dos nomes de personagens encontrados nos textos judaicos.

As procissões no Brasil

Na história da Igreja, tanto do Oriente quanto do Ocidente, temos registros de inúmeros momentos em que as procissões aconteceram, sobretudo as penitenciais, a fim de pedir misericórdia a Deus diante de terrível seca ou mesmo implorar que alguma epidemia parasse de se alastrar, levando muitos à morte. No Brasil, tal manifestação religiosa foi trazida pelos portugueses e, nos dias atuais, é caracterizada como uma prática da religiosidade popular, típica dos católicos, durante a qual alguma imagem de santo ou santa da Igreja, ou até mesmo a eucaristia (procissão de *Corpus Christi*), é conduzida pelas ruas de uma cidade, seguida de uma multidão que a acompanha, como forma de propagação de sua fé e devoção.

Como catolicismo popular, grosso modo, entendemos aspecto da expressão cultural, além da religiosa, que possui uma natureza dinâmica, portanto, com rupturas e continuidades, "dentro de um contexto cultural mais amplo do qual faz parte" (SOUZA, 2013, p. 6). Carlos Steil converge, em suas ideias, com Ricardo Souza quando defende, dentro do contexto das romarias, também inseridas no rol de práticas religiosas populares, o dinamismo desse universo de fé e devoção.

> As romarias [...] são portadoras de uma tradição que é continuamente reinventada por romeiros, moradores e pelo clero, como uma forma de legitimar valores, ações e normas de comportamento que cada uma destas categorias considera centrais dentro de suas redes de convenções. Quando evocam a *tradição*, esses diversos atores pretendem, na verdade, acionar um estoque de referências religiosas e práticas rituais que foram sendo acumuladas em torno do santuário, com ou sem o selo da ortodoxia, mas que hoje são usadas para socializar seus sistemas de ideias e padrões de comportamento. [...] As romarias são importantes ainda para a compreensão das transformações que vêm ocorrendo no contexto social e religioso, na medida em que oferecem um amplo repertório linguístico de signos, símbolos e ritos que os romeiros manipulam para lidar com as situações novas colocadas pela modernização (STEIL, 1996, p. 59. Grifo original).

Ou seja, seus praticantes são vistos como

> o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural. Contrastam, assim, com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população (SOUZA, 2013, p. 5).

Considerando como viés de analise a dicotomia usada por Mircea Eliade – sagrado e profano – e, obviamente, levando em conta o fragmentado caráter do mundo religioso com seus sistemas próprios e suas lógicas internas, tomamos como base, aqui, o referencial transcendental do cristianismo para enxergarmos, nas procissões, um exemplo desse fenômeno, pois há nelas o encaixe perfeito entre a experiência cerimonial eclesiástica e profana, em um espaço que habitualmente não é no interior dos templos, mas nas ruas.

Dentre as modalidades de procissões existentes no Brasil, sobretudo em cidades interioranas, há de se destacar as que se relacionam à necessidade de intervenção divina, visando vários objetivos: evitar pestes e epidemias, estiagens ou, até mesmo, desejar o cessar das chuvas por já tê-la em excesso (o que pode, inclusive, culminar em enchentes e transbordamentos) – as chamadas "procissões de penitentes".

Na tentativa de compreendermos um pouco mais o sentido desse fenômeno religioso, será importante pensar em algumas motivações existentes para se fazer uma procissão, pois ela pode ser feita tanto por ocasião de uma festa, quanto em um ato de penitência, conforme já mencionado. Além disso, ela pode ser, ainda, uma demonstração ritual de poder político ou uma afirmação de hierarquia social (SOUZA, 2013, p. 44).

Em entrevista concedida aos autores, Clóvis Cabral[6], pesquisador e conhecedor da religiosidade popular – sobretudo afro-brasileira – faz uma análise desse fenômeno a partir de sua vivência:

> *Não há separação entre o sagrado e o profano nesse processo [...] O santo tem uma relação muito íntima, como se fosse um parente do devoto, pois há muita proximidade para se pedir, numa linguagem coloquial, direta:*
>
> *– São Jorge, olha lá! Veja o que você vai fazer!? Esse menino tá ficando danado. Tô ficando receoso...*
>
> *Os santos das procissões são santos próximos. [...] Procissão é um grande instrumento pedagógico, ajuda o povo a caminhar rumo a uma sociedade mais fraterna, justa e igualitária.*

O depoente também observou seu sentido metafórico como o lugar onde se caminha, pois no contexto dos sertões, muito tempo atrás, as procissões, tal e qual conhecemos hoje, foram forjadas, inclusive porque andar léguas para ir buscar água, por exemplo, fez parte do cotidiano de parcelas do povo do Nordeste brasileiro.

A partir de um viés antropológico de análise, podemos considerar que, para além das questões que caracterizam as procissões, como entoar cânticos típicos e aglutinar pessoas em torno de uma fé, existe todo um simbolismo que impacta na vida de quem delas participa. Elas podem ser consideradas como um lugar de encontro, confraternização, caminhada com o outro e busca de horizontes de esperança.

Manifestações artísticas e devoções

Relevante é, sucintamente, refletirmos sobre a relação que há entre arte e religiosidade, orbitando em torno das ideias de espiritualidade e cultura, posto que o diálogo que aqui apresentamos, a partir das procissões como práticas devocionais, dentro do acervo de obras artísticas brasileiras,

[6] Depoimento do Pe. Clóvis, SJ., gravado em 25 de agosto de 2016.

desperta-nos o interesse pela busca da compreensão e de uma, ainda que incipiente, análise acerca de tal relação dialogal.

Há muito se costuma afirmar que o ser humano é um ser essencialmente religioso. Buscando encontrar evidências disso no passado, recorre-se comumente a exemplos como os das pinturas/artes rupestres para, por meio delas e das interpretações sobre elas elaboradas, chegar a tal conclusão. A questão é que aquele tempo histórico – os das artes nas paredes das cavernas – revelou-se também como marco inicial das manifestações artísticas da humanidade. Ali constatou-se talvez um dos primeiros momentos de entrelaçamento de duas facetas da alma humana que continuam andando de mãos dadas ao longo dos séculos – a arte e a religiosidade – que se manifestam no mito, na magia e na própria religião.

Desde o século XX, na cultura ocidental, como bem definiu Richard Shusterman (2012, p. 82), as obras de artes se tornaram extremamente próximas dos textos sagrados. De acordo com Jorge Coli (1995, p. 14), elas estão em uma dimensão chamada de espiritual – desde que se entenda espiritual como sendo o conjunto de mistério e intuições que o ser humano possui, ou seja, a caracterização de uma fina relação desse ser com os mais diversos aspectos não evidentes, ou mesmo inexplicáveis, da existência.

A arte, finalmente, é sujeito – não objeto –, porquanto comunica em uma dimensão que produz encantamento. Além disso, possui uma sacralização que não é a religiosa, tal e qual conhecemos, pois trata-se, sobretudo, de um sagrado laico que contém templos seculares. Portanto, partindo dessa lógica de comunicação, na qual essa particular concepção de sagrado permeia as manifestações artísticas, interessam-nos as procissões como expressão de uma devoção, mesmo que a partir de obras consideradas não-devocionais e, para muitos, profanas. Para tanto, faz-se necessário conhecer ao menos algumas delas.

As procissões na literatura brasileira

Em *O Quinze*, obra escrita por Rachel de Queiroz[7], temos como pano de fundo a grande seca de 1915, ocorrida no sertão nordestino. Cenário caótico com muitos migrando para os grandes centros urbanos e, outros tantos, sendo empilhados em campos de concentração, cheios de divisórias feitas de arames farpados, tendo alimentação e água controladas e vigiados 24 horas por soldados do exército brasileiro, pois esta foi a medida paliativa encontrada pelo governo, ainda que a região tivesse passado, no final do século XIX, por uma seca um tanto quanto grave; entretanto, ainda assim, não se teve vontade política suficiente para minimizá-la.

Apesar de toda desgraça e desolação, a autora mostra, como parte de um retrato da realidade, a fé e a devoção de um povo simples, pobre e, em sua maioria, inserido na linha da miséria, que experimentava sua espiritualidade manifesta em procissão.

> Setembro já se acabara, com seu rude calor e sua aflita miséria; e outubro chegou, com São Francisco e sua procissão sem fim, composta quase toda de retirantes, que arrastavam as pernas descarnadas, os ventres imensos, os farrapos imundos, atrás do pálio rico do bispo, e da longa teoria de frades a entoarem em belas vozes a canção em louvor do santo:
> Cheio de amor, cheio de amor!
> as chagas trazes
> do Redentor!
> E no andor, hirto, com as mãos laivadas de roxo, os pés chagados aparecendo sob o burel, São Francisco passeou por toda a cidade, com os olhos de louça fitos no céu, sem parecer cuidar da infinita miséria que o cercava e implorava sua graça, sem nem ao menos ensaiar um gesto de bênção, porque suas mãos, onde os pregos de Nosso Senhor deixaram a marca, ocupavam-se em segurar um crucifixo preto e um grande ramo de rosas. E novembro entrou, mais seco e mais

[7] Rachel de Queiroz nasceu em 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, Ceará. *O Quinze*, seu primeiro romance, foi publicado em 1930, quando ainda não havia completado seus 20 anos de idade. É também autora de *João Miguel*, *Caminho de pedras*, *As três Marias*, *Dôra, Doralina*, *Memorial de Maria Moura*, entre outros romances. Além disso, escreveu vários livros de crônicas e obras para teatro também de sua autoria foram publicadas.

> miserável, afiando mais fina, talvez por ser o mês de finados, a imensa foice da morte (QUEIROZ, 2014, p. 129-130).

Jorge Amado[8], também, em *Gabriela, cravo e canela*, descreve detalhes dessa manifestação religiosa. O espaço narrado é a pequena cidade baiana, de Ilhéus, por volta do ano de 1925, que enriquecera em função do cacau e experimentara um gigantesco desenvolvimento urbanístico/comercial.

> A procissão de São Jorge, naquele ano, tomara o aspecto de uma ansiosa promessa coletiva ao santo padroeiro da cidade. O seu rico andor bordado de ouro, levavam-no sobre os ombros orgulhosos os cidadãos mais notáveis, os maiores fazendeiros, vestidos com a bata vermelha da confraria [...] estavam todos eles na procissão, de vela em punho, contritos, prometendo mundos e fundos a São Jorge em troca das chuvas preciosas. A multidão, atrás dos andores, acompanhava pelas ruas a reza dos padres. Paramentado, as mãos unidas para a oração, o rosto compungido, o padre Basílio elevava a voz sonora puxando as preces. Escolhido para a importante função por suas eminentes virtudes, por todos consideradas e estimadas, o fora também por ser o santo homem proprietário de terras e roças, diretamente interessado na intervenção celestial. Rezava assim com redobrado vigor. [...] Elevava-se a voz vigorosa e interessada do padre na prece ardente, elevava-se a voz fanhosa das solteironas, o coro unânime dos coronéis, suas esposas, filhas e filhos, dos comerciantes, exportadores, trabalhadores vindos do interior para a festa, carregadores, homens do mar, mulheres da vida, empregados no comércio, jogadores profissionais e malandros diversos, dos meninos do catecismo e das moças da Congregação Mariana. [...] Certas senhoras de sociedade, numa promessa combinada durante o último baile do Clube Progresso, acompanhavam a procissão de pés descalços, oferecendo o sacrifício de sua elegância ao santo, pedindo-lhe chuva. [...] Realmente, alguns dias após a procissão, nuvens de chuva se acumularam no céu e as águas começaram a cair no começo da noite. Só que São Jorge, naturalmente impressionado pelo volume de orações e promessas, pelos pés descalços das senhoras e pelo espantoso voto de castidade do padre Basílio, fez milagre demais e agora as chuvas não queriam parar, a estação das

[8] Jorge Amado nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia. Além de *Gabriela*, *Cravo e Canela* (também adaptada para o cinema), escreveu obras como *Capitães da Areia*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Tenda dos Milagres*, *Tieta do Agreste* e *Tereza Batista Cansada de Guerra*. Foram 49 livros escritos por ele, ao todo.

> águas se prolongava já por mais de duas semanas além do tempo habitual (AMADO, 2000, p. 8 e10).

Na última obra literária de que nos servimos para analisar neste trabalho, *Os sertõe*s, de Euclides da Cunha[9], o autor também descreve as procissões implorando por chuva, novamente, portanto, com caráter penitente.

> Surgem de uma luta que ninguém descreve — a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzes alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras — não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes (CUNHA, 2016, p. 57).

Esses foram alguns casos de obras literárias que tratam do tema em foco, por vezes parecendo colocar o leitor diante de uma expressão pictórica. Há de se considerar a existência de vários outros textos de autoria de grandes escritores brasileiros; entretanto, optamos pelos que foram citados como uma amostra da importância das procissões em uma das mais conhecidas manifestações culturais: a literatura.

As procissões na música popular brasileira

Os atos de devoção foram também registrados pelo cancioneiro popular brasileiro. A título elucidativo, escolhemos para este trabalho, alguns exemplos deste tipo de manifestação cultural.

Na primeira música a ser trabalhada encontramos a descrição de uma procissão na forma como ela é, ainda hoje, realizada em muitas cidades do

[9] Euclides da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866, em Cantagalo, Rio de Janeiro. Sendo escritor e jornalista, escreveu, além de "Os sertões", obras como *Contrastes e confrontos*, *Peru versus Bolívia*, *À margem da história* (obra póstuma), entre outras.

Brasil, sobretudo na região Nordeste, onde nasceu e viveu o seu compositor: Gilberto Gil.

Procissão
Olha lá vai passando a procissão
Se arrastando que nem cobra pelo chão
As pessoas que nela vão passando
Acreditam nas coisas lá do céu
As mulheres cantando tiram versos,
Os homens escutando tiram o chapéu
Eles vivem penando aqui na Terra,
Esperando o que Jesus prometeu

E Jesus prometeu coisa melhor
Pra quem vive nesse mundo sem amor
Só depois de entregar o corpo ao chão,
Só depois de morrer neste sertão
Eu também tô do lado de Jesus,
Só que acho que ele se esqueceu
De dizer que na Terra a gente tem
De arranjar um jeitinho prá viver.

Muita gente se arvora a ser Deus
E promete tanta coisa pro sertão
Que vai dar um vestido pra Maria,
E promete um roçado pro João
Entra ano, sai ano, e nada vem,
Meu sertão continua ao Deus dará
Mas se existe Jesus no firmamento,
Cá na Terra isso tem que se acabar

Em seguida, apresentamos a descrição de uma romaria realizada em torno da devoção mariana, sob a invocação de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, observada – e composta – por Renato Teixeira, que colocou na letra aspectos acerca do homem campestre, analfabeto, mas cheio de fé e esperança.

Romaria
É de sonho e de pó, o destino de um só
Feito eu perdido em pensamento sobre meu cavalo
É de laço e de nó. De jibeira ou jiló
Dessa vida, cumprida à sol

Refrão
Sou caipira pirapora nossa
Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda, o trem da minha vida.

O meu pai foi peão, minha mãe solidão
Meus irmãos perderam-se na vida, à custa de aventuras
Descasei, joguei. Investi, desisti
Se há sorte, eu não sei, nunca vi

Me disseram porém que eu vivesse aqui
Pra pedir em Romaria e prece
Paz nos desaventos.
Como eu não sei rezar, só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar...

Em outra canção, voltamos a um tema rotineiro nas procissões Brasil a fora: as súplicas por chuvas, que representam desesperado apelo aos céus contra o flagelo da seca. Nela, o sertanejo propõe uma troca de favores em detrimento da chuva: se chover, o primeiro pingo d´água deverá ser depositado na flor que fica aos pés da santa, no altar da igreja, como pagamento pela graça alcançada. Assim se expressaram Raul Torres e João Pacífico:

Pingo d´água
Eu fiz promessa
Prá que Deus mandasse chuva
Prá crescer a minha roça
E vingar a criação
Pois veio a seca
E matou meu cafezal
Matou todo o meu arroz
E secou meu argodão

Nesta colheita
Meu carro ficou parado
Minha boiada carreira
Quase morre sem pastar
Eu fiz promessa
Que o primeiro pingo d'água
Eu moiava a frô da santa
Que tava em frente do altar

Eu esperei
Uma sumana
Um mês inteiro
A roça tava tão seca
Dava pena a gente ver
Oiava o céu
Cada nuvem que passava

Eu da santa me alembrava
Pra promessa não esquecer

Em pouco tempo
A roça ficou viçosa
A criação já pastava
Floresceu meu cafezal
Fui na capela
E levei três pingo d'água
Um foi o pingo da chuva
Dois caiu do meu oiá

Os apelos mais variados são temas das preces populares e também foram registrados pelo cancioneiro popular brasileiro. A canção a seguir, retrata bem o desespero do homem do campo que, quando pediu para chover teve o seu pleito "exageradamente" atendido. Como choveu em demasia, implorou a Deus para que Ele voltasse atrás e parasse de fazer chover. Assim escreveram Gordurinha e Nelinho:

Súplica Cearense
Oh! Deus, perdoe este pobre coitado
Que de joelhos rezou um bocado
Pedindo prá chuva cair sem parar

Oh! Deus, será que o senhor se zangou
E só por isso o sol se arretirou
Fazendo cair toda a chuva que há

Senhor, eu pedi para o sol se esconder um tiquinho
Pedir prá chover, mas chover de mansinho
Prá ver se nascia uma planta no chão.

Oh! Deus, se eu não rezei direito o Senhor me perdoe,
Eu acho que a culpa foi
Desse pobre que nem sabe fazer oração

Meu Deus, perdoe eu encher os meus olhos de água
E ter-lhe pedido cheinho de mágoa
Pro sol inclemente se arretirar

Desculpe eu pedir a toda hora prá chegar o inverno
Desculpe eu pedir para acabar com o inferno
Que sempre queimou o meu Ceará

Algumas festas da Igreja Católica estão no acervo da piedade popular, a exemplo da festa do Divino Espírito Santo. Batizada liturgicamente de

Pentecostes, a festa do Divino é uma manifestação espontânea e de aceitação coletiva. Nela os pleitos são diversos: pede-se saúde, mesa farta, perdão pelos pecados, água, liberdade, justiça social etc. Os compositores Ivan Lins e Victor Martins, "retrataram" esse fenômeno, através da canção "Bandeira do Divino"

> *Bandeira do divino*
> Os devotos do Divino vão abrir sua morada
> Prá bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai
> Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome
> Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai
>
> A bandeira acredita que a semente seja tanta
> Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai
> Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita
> Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai
>
> Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia
> A bandeira segue em frente atrás de melhores dias
> No estandarte vai escrito que ele voltará de novo
> E o Rei será bendito, ele nascerá do povo, ai, ai

Assim como nas obras literárias, há, na música, diversas composições que falam das procissões, no entanto, para uma sucinta apreciação e compreensão do tema estudado, selecionamos apenas as expostas.

Considerações finais

As procissões são expressão de religiosidade, mas também momento de diversão e socialização. São caracterizadas como manifestação da religiosidade popular e, entre seus tantos significados, a indissociável relação sagrado x profano.

As artes, por sua vez, ajudam a revelar o que há de mais profundo na cultura de um povo, transfigurando, assim, as palavras, as imagens e os sons. Quando se funde com manifestações de religiosidade, toma-se de mais sentido e força.

Fica, portanto, explícita a importância das procissões nas práticas devocionais brasileiras, repletas de ressignificões constantes que estão para além dos templos da Igreja, atingindo espaços públicos: os das praças e ruas. São vistas envolvidas de beleza estética por intermédio das artes, não apenas nas obras citadas neste texto, mas porque nelas – procissões – encontramos cores, sons e expressões profundamente artísticas, basta que participemos de uma para constatarmos cada uma das facetas que a compõem.

Referências

ALBIN, Ricardo Cravo. **O Livro de Ouro da MPB**: a história de nossa música popular de sua origem até hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 82. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

AS ESCRITURAS SAGRADAS SEGUNDO O NOME. Edição Unitariana Corrigida. 2. ed. s.l.: CYC, s.d.

BÍBLIA SAGRADA. Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. atual. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 15. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000153.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2016.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário escolar latino-português**. s.l.: s.n., 1962.

QUEIROZ, Rachel. **O quinze**. 97. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

SHUSTERMAN, Richard. Arte e religião. **Revista Redescrições**, n. 3, p. 82-103, 2012.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

Entrevistado

Clóvis Cabral – Sacerdote católico, membro da Companhia de Jesus, é pesquisador, coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígena, da Universidade Católica de Pernambuco (NEABI/UNICAP). Concedeu seu depoimento no Recife, aos 25 de agosto de 2016.